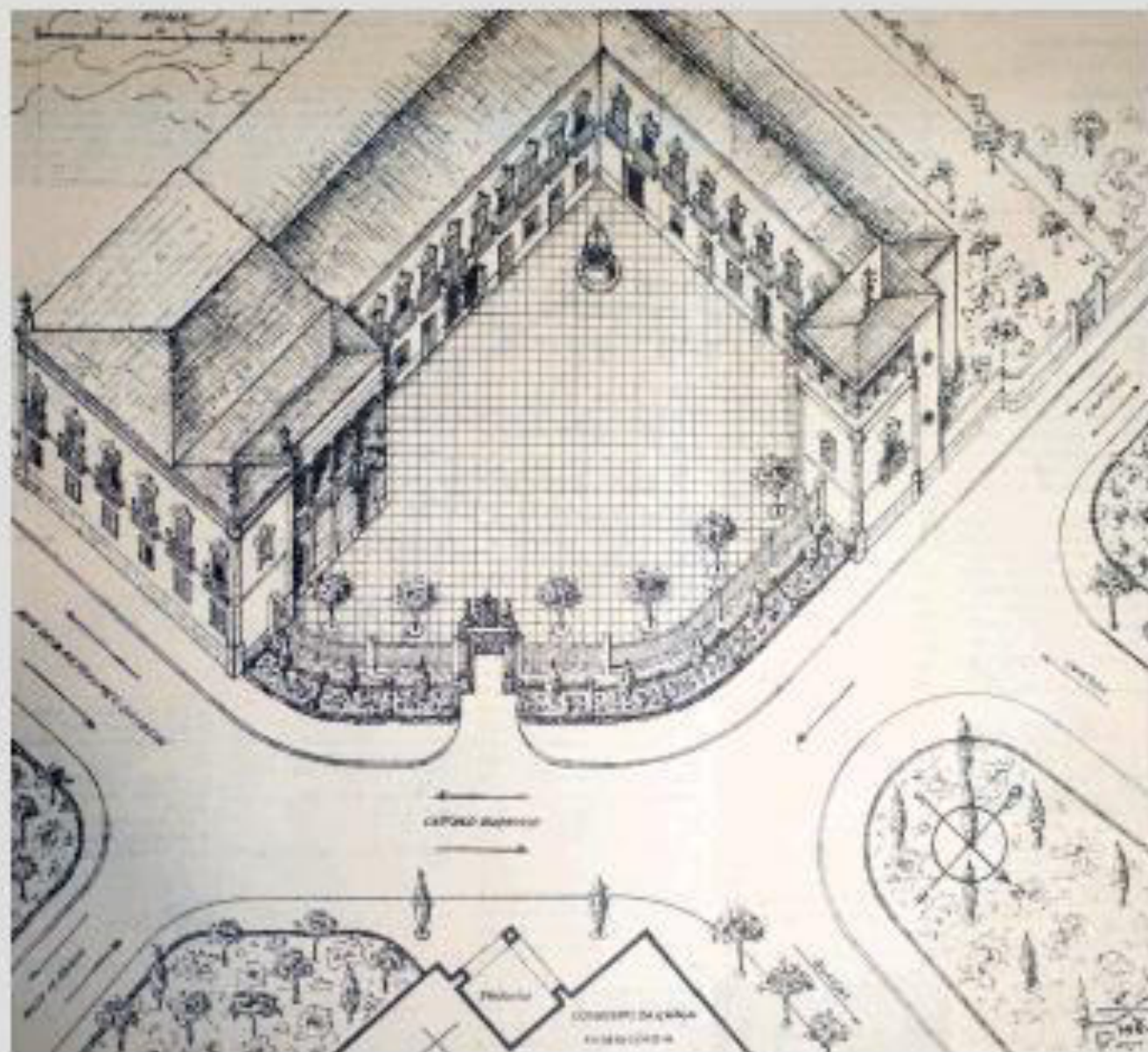


Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Elementos para um **Dicionário do**
Museu Francisco Tavares Proença Júnior
100 Anos de História Cultural



2019

Coordenação
Benedicta Duque Vieira

Título:

Elementos para um Dicionário do Museu Francisco Tavares Proença Júnior - 100 Anos de História Cultural

Propriedade:

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Editor:

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Coordenação:

Benedicta Maria Duque Vieira

Organização:

Benedicta Maria Duque Vieira e Pedro Miguel Salvado

Capa:

Desenho de Eurico Salles Viana, Jornal “Beira Baixa”, 21 de junho de 1964, pág. 1.

Reprodução fotográfica: Carlos Matos

Adaptação gráfica e paginação:

Hermann Scheufler

Apoio a edição:

Ana Margarida Ferreira, Belarmina Fátima Filipe, Delminda Paulo, Deolinda Bastos, Joaquim Baptista, Margarida Duque Vieira, Maria Celeste Capelo, Maria Filomena Domingues Nisa.

Impressão:

Graficamares Lda., Amares

Tiragem:

250 exemplares

ISBN:

978-989-96109-9-6

Depósito legal:

455821/19

Ano:

2019

Nota:

Todos os textos são da responsabilidade dos autores.

EPIGRAFIA lusitano-romana - Não haverá museu de Arqueologia ou mesmo de História regional que não inclua uma secção de Epigrafia Romana, porque, por onde passaram, os Romanos quiseram perpetuar na pedra momentos significativos do seu quotidiano: o ex-voto a uma divindade; a perene recordação de um ente querido; ou, até, singela marca de oleiro... Não foge à regra o MFTPJ, não fora o seu fundador um arqueólogo a quem, desde cedo, as pedras com letras despertaram curiosidade. Deu a conhecer inscrições inéditas e não apenas do distrito de Castelo Branco: uma, que identificou em Leiria, entusiasmou-o de tal modo que chegou a perguntar se não seria o pedestal de uma flamínia famosa, *Laberia Galla*, que a tradição dizia ter sido sepultada em *Collipo*. Não hesitam Pedro Salvado e Joaquim Batista em anotar que Tavares Proença “identificou todas as epígrafes romanas que se encontravam reaproveitadas nas muralhas ou noutras construções, fornecendo sempre uma indicação precisa das condições do achado”. Tinha, pois, uma noção precisa da importância das epígrafes e preconizava, de resto, como os autores acentuam mais adiante (p. 159), que um museu de Arqueologia não pode equiparar-se a um cemitério, “onde em cada túmulo se lê - *Aqui jaz*: é antes uma história exemplar gravada a letras indeléveis, onde em cada página se decifra - *Aqui viveu, lutou e amou...*”. Essa, uma visão ‘de vanguarda’, uma vez que, nos estudos epigráficos, hoje, procura ler-se e interpretar-se o texto, sim, mas, no fundo, o que mais nos sugere é o que está por detrás do escrito.

Foi José Manuel Garcia quem aceitou o repto de elaborar, em 1984, o catálogo dos monumentos epigráficos do Museu. Um trabalho necessário e inovador, na medida em que não se conhecia a totalidade do espólio que, nesse domínio, o museu guardava. Espólio de relevante interesse, não tanto pelo número de exemplares (cerca de meia centena), mas pelas informações históricas que veicula quer no âmbito da onomástica quer da religião; e que deve colocar-se a par do que se exumou na vizinha *civitas Igaeditanorum*, ainda que esta cidade se haja rapidamente destacado no panorama local, quiçá mesmo em detrimento do aglomerado populacional romano em que a cidade de Castelo Branco viria a assentar-se. No âmbito das divindades indígenas, destaco *Arentius / Arantius*. Primeiro, porque um indígena - *Montanus Tangini filius* - quis acentuar a dupla conceção da divindade, dedicando-lhe um altar *Arentiae et Arentio*, ou seja, para ele, o númen assume o género feminino e o masculino e esta aceção representa não uma dúvida mas avançado estágio de consciencialização religiosa. Em segundo lugar, o outro altar, com texto inteiramente à maneira latina - a tipologia e, no texto, a fórmula final clássica, em siglas: *A(nimo) L(ibens) V(otum) S(olvit)* - resulta do voto de uma indígena já de onomástica romana, tanto ela (*Avita*) como seu pai (*Vitalis*); mas importa aqui verificar que o epíteto da divindade deriva claramente de um antropónimo: *Tanginiciaecus* formou-se a partir de *Tanginus* e tal comprova o que se viu nas aras de Alcains: a população reunia-se em *gentilitates*, que recebiam o nome do antepassado mais ilustre e a divindade protetora assumia carácter personalizado.

Temos, a par dos cultos a divindades indígenas, o culto aos deuses romanos: Júpiter Ótimo Máximo, Vitória, Juno, Mercúrio... E a antroponímica etimologicamente indígena (*Caeno, Lubaecus, Pisirus, Saelcius, Sunua, Tanginus...*) casa-se, sem atritos, inclusive no mesmo monumento, com a onomástica latina. Tipologicamente, além das aras e das estelas, temos placas, que postulam a edificação de monumentos sepulcrais, sendo de realçar, pela clássica beleza da sua moldura, a placa que *C. Ammius Avitus* manda lavar ao pai e à mãe, de certeza para imponente jazigo de família, na demonstração de uma aculturação plena. Mas não ficam aquém as

famílias indígenas: *Sunua*, filha de *Pisirus*, manda fazer, a expensas suas, uma placa de 44 x 83 x 23 cm, para honrar a memória da sua filha *Cília* (filha de *Lubeco*) e de sua neta, *Súnua*, filha de *Elavius*.

Em conclusão: vendo, como Tavares Proença Júnior preconizava, o homem que ‘está por detrás’ dos monumentos, somos levados a ver neles quem, como nós, teve família, “viveu, lutou e... amou!”. [J.d’E.]

Bibliografia: JÚNIOR (Francisco Tavares de Proença), “A estátua da flamínica Laberia?: uma inscrição romana inédita”, *Materiaes*, 1, Jul/Ago 2010, p. 17-20. Sobre esta suposta flamínia, veja-se <http://hdl.handle.net/10316/27644>

SALVADO (Pedro) e BATISTA (Joaquim), “A revista “Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguesas” (1910-2010) – Elementos para uma bibliografia geral”, *Materiais III série*, nº 1, 2016, p. 153-167 (p. 159).

GARCIA (José Manuel), *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984. (Cf. recensão, de Vasco Gil Mantas, in *Conimbriga*, 24, 1985, p. 224-229).

António ASSUNÇÃO, José d’ENCARNAÇÃO, Amílcar GUERRA, “Duas aras votivas romanas em Alcains”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* vol. 12 nº 2, 2009, p. 177-189. <http://hdl.handle.net/10316/14377>



Ara Arantio. Rosmaninhal 29.1 MFTPJ